

ÍNDICE

EDITORIAL	5
-----------------	---

MAIS UM ABRAÇO A JOSÉ RODRIGUES

TEXTOS E TESTEMUNHOS | Ana Isabel Ornellas (p. 8), António Reis (p. 8), Arnaldo de Pinho (p. 9), Duarte de Cifantes e Leão (p. 10), Helena Mendes Pereira (p. 12), Hélder Pacheco (p. 14), Jorge Pinto (p. 17), Júlio Gago (p. 18), Luís Portela (p. 19), Maria João Fernandes (p. 20), Manuel de Novaes Cabral (p. 22), Manuela de Abreu e Lima (p. 23), Paulo Telles de Lemos (p. 24).

ILUSTRAÇÕES | Lauren Maganete (p. 6), João Nunes (p. 6), Paulo Gaspar Ferreira (p. 6), José Rodrigues (pp. 16, 17 e 21).

FIDELINO DE FIGUEIREDO, 50 ANOS DEPOIS

CONTRIBUIÇÃO DE FIDELINO DE FIGUEIREDO PARA A HISTORIOGRAFIA DA FILOSOFIA PORTUGUESA António Braz Teixeira	26
BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DE UMA ONTO-PO(I)ÉTICA EM FIDELINO DE FIGUEIREDO Joaquim Pinto	29
FILOSOFIA E MITO: EUDORO DE SOUSA, LEITOR DE FIDELINO FIGUEIREDO Luís Lóia	33
FIDELINO DE FIGUEIREDO: O TRAÇO ESSENCIAL DO SEU HUMANISMO Manuel Ferreira Patrício	38
PERTINÊNCIAS DO PENSAMENTO FILOSÓFICO DE FIDELINO DE FIGUEIREDO Mário Carneiro	39

NOS 150 ANOS DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO NOBRE E RAUL BRANDÃO

NOS 150 ANOS DO NASCIMENTO DE ANTÓNIO NOBRE TÍTULO José Lança-Coelho	46
ANTÓNIO NOBRE: PEREGRINAÇÕES DE UM POETA SÓ António José Queiroz	48
EFEITOS DE LEÇA DA PALMEIRA: “A DELICIOSA HIPNOTIZADORA” NO POETA ANTÓNIO NOBRE J. Alberto de Oliveira	55
ANTÓNIO NOBRE: TEMÁTICA E VERSO NA SUA OBRA – MITO E REALIDADE Júlio Amorim de Carvalho	63
O OUVIR E O ESCUTAR DE RAUL BRANDÃO, OU <i>HÚMUS</i> ENQUANTO MÚSICA Edward Ayres de Abreu	70
<i>EL-REI JUNOT</i> DE RAUL BRANDÃO: UMA NARRATIVA SOBRE O SENTIDO NA HISTÓRIA Mendo Castro Henriques	80

OUTRAS EVO(O)CAÇÕES

AFONSO BOTELHO Abel de Lacerda Botelho	90
AGOSTINHO DA SILVA E MARIA CECÍLIA CORREIA Eleonor Castilho	91
BOCAGE (VISTO POR AGOSTINHO DA SILVA) Pedro Martins	97
CAMILO CASTELO BRANCO Pinharanda Gomes	103
CARLOS MALHEIROS DIAS João Bigotte Chorão	108
COUTO VIANA E JOSÉ VALLE DE FIGUEIREDO José Almeida	110
JOAQUIM MARIA DA SILVA Samuel Dimas	116
MIRANDA BARBOSA António Braz Teixeira	122
NUNO BRAGANÇA La Salette Loureiro	128
ORTEGA Edson Ferreira da Costa	135
PADRE CHICO MONTEIRO Valentino Viegas	139
PESSOA (VISTO POR ALMADA) Luís de Barreiros Tavares	140
SILVA DIAS José Esteves Pereira	145
VERGÍLIO FERREIRA Renato Epifânio	151
VICENTE FERREIRA DA SILVA Constança Marcondes César	154

OUTROS VOOS

O SAGRADO NA VIDA DE CADA UM DE NÓS Adriano Moreira	158
A CULTURA DIVERSA DA CPLP NA “MARCHA HARMÓNICA” DO MERCADO GLOBAL André Ramos Tavares	162
O LUGAR DA FILOSOFIA NOS CURRÍCULOS DO ENSINO SECUNDÁRIO EM PORTUGAL Artur Manso	169
A PROPÓSITO DE GNOSE, GNÓSTICOS E Gnosticismo Diogo Alcoforado	175
OS AÇORES E A LUSOFONIA Eduardo B. Coelho	190
AS LÍNGUAS COMO FACILITADORAS DO DIÁLOGO CULTURAL Evanildo Bechara	192
O QUE NUNCA SE DIZ AO PAPA Manuel Curado	195
OS MITOS DO PRIMEIRO MODERNISMO Paula Oleiro	200
SOBRE A NATUREZA RELIGIOSA DA POLÍTICA MODERNA Pedro Velez	207
FILOSOFIA FILOSOFANTE EM PORTUGAL Pedro Vistas	210
AUTOBIOGRAFIA 4 Samuel Dimas	224
MANIFESTO HOLISTA Tiago de Vasconcelos e Moita e Edmundo Luís Ribeiro da Silva	233

EXTRAVOO

VIDA CONVERSÁVEL – SEGUNDA PARTE (CONTINUAÇÃO) Agostinho da Silva	236
TRÊS CARTAS DE AGOSTINHO DA SILVA A AARÃO LACERDA	239
TEXTO DE JOSÉ ENES SOBRE JOSEPH MOREAU & CARTA DE JOSEPH MOREAU A JOSÉ ENES	241
POSFÁCIO DE DALILA PEREIRA DA COSTA AOS SEUS “DISPERSOS”	243

BIBLIÁGUIO

OBRAS PUBLICADAS EM 2017 Renato Epifânio	246
A “ESCOLA DE SÃO PAULO” Luís Lóia	247
OLHARES LUSO-BRASILEIROS Jorge Teixeira da Cunha	250
O CROCODILO & FULGORES DE FÁTIMA José Almeida	251
FILOSOFIA COM CORAÇÃO Samuel Dimas	253
PRISCILIANO, UM CRISTÃO LIVRE Maria Dovigo	258
AI DOS VENCEDORES! Mário Matos e Lemos	260
UMA VIDA QUALQUER José Luís Brandão da Luz	262
DEMÓNIOS POR SEFARAD Lídia Machado dos Santos	266
AGULHAS DE ÁGUA Maria Luísa de Castro Soares	267
ARDOROSA SÚMULA António José Borges	269
MITOS GREGOS Inês Miranda	272

POEMÁGUIO

DESENHO Fernando Guimarães	7
MESTRE Avelina Vieira	7
AS MÃOS DE VAN GOGH Adília César	44
AS PONTES; VIAGEM António José Queiroz	45
TRÊS POEMAS A ANTÓNIO NOBRE Manoel Tavares Rodrigues-Leal	89
NA VIDA REAL; NA REAL VIDA António José Borges	156/7
CARTA PARA O-YONÉ Jesus Carlos	234
TEIA POÉTICA Maria Luísa Francisco	234
VAZADA NA RUA José Luís Hopffer C. Almada	235
PEDRO SEM INÊS Ana Luísa Queiroz	245
TEMPO CINZENTO Susana Roque Bravo	245

MEMORIÁGUIO

.....	274
-------	-----

MAPIÁGUIO

.....	275
-------	-----

ASSINATURAS

.....	275
-------	-----

COLEÇÃO NOVA ÁGUIA

.....	278
-------	-----

VIDA CONVERSÁVEL

— SEGUNDA PARTE (CONTINUAÇÃO)¹

Agostinho da Silva

32.

ONDE ESTÁ O MAL? A DITADURA DE SALAZAR. “DE BOAS INTENÇÕES ESTÁ O INFERNO CHEIO”. O CASO DA NÃO REINTEGRAÇÃO. TER CUIDADO COM OS MEIOS. “KEEP TALKING”. UMA DISCUSSÃO ENTRE JOÃO GASPAR SIMÕES E ADOLFO CASAI MONTEIRO.

Por exemplo, suponhamos que eu estou a manejar uma pedra, estou distraído com o pé e a pedra de repente me cai sobre o pé e dói que se farta ou até quebra um osso. Pronto. Eu apenas tenho que dizer que houve ali um fenómeno físico – a queda da pedra – e depois um fenómeno biológico e psicológico que me faz sentir dor. Não posso dizer que ali houve um mal, houve certamente uma coisa desagradável, nem um bem, se eu olho aquilo exactamente no seu aspecto físico e biológico. Mas se o meu Amigo, estando eu na mesma posição, empurra a pedra de maneira a ela me cair no pé, aí a coisa muda de feitio. Então o que é que mudou? O que mudou foi que houve uma intenção sua de provocar o mal. No meu caso não houve, eu realmente desviei a pedra sem querer. Ela caiu. Ou até podia eu próprio, se quisesse, estar a fazer uma experiência física e biológica: eu deixar de propósito cair a pedra para ver o que é que sucedia. A intenção também não era má, a intenção era boa.

No caso, por exemplo, da ditadura, quando um cavalheiro faz uma ditadura e diz que os meios que está a usar são para bem do povo – isso é o que sucede sempre... Aí como é? Ele tem uma boa intenção ou não? Primeira coisa. Eu posso

admitir, por exemplo, que possa haver uma boa intenção num ditador. Quando eu penso sobre a única ditadura que eu conheci direito, penso sobre a ditadura do Salazar. Porque a ditadura brasileira eu nunca senti que ela tivesse nada que ver comigo, era uma aventura que eu estava passando naquela história, podia suceder isto ou aquilo, mas eu nunca entendi que ela fosse contra mim, ao passo que a de Salazar eu entendia que era contra mim. Mas ele podia ter uma intenção, mesmo que não desse por ela. A coisa pode-se complicar até esse ponto. Podia ser. Podia ser que a intenção do Salazar fosse, por exemplo, mandar no país, ser a pessoa mais poderosa do país. Mas se isso fosse apenas o aspecto que seria satisfatório para ele, podia ter havido uma intenção interna ou externa diferente, salvar Portugal de desaparecer com a primeira República, por exemplo, e que a intenção pessoal dada ao homem ditador de ser ele a mandar, ser ele o poderoso, fosse apenas uma maneira de ele tomar aquele serviço não como um sacrifício para atingir um bem, mas como uma coisa que lhe dava satisfação. Como um sujeito que toma um remédio com açúcar para não sentir o amargo do remédio.

Então temos aí um problema. Quando alguma coisa nos sucede – como, por exemplo, o caso de que temos falado, que me sucedeu a mim, de não ser reintegrado –, nós podemos olhá-la como um mal objectivo que se apresenta, como alguma coisa que se apresenta desagradável em virtude de mecanismos a que as pessoas não podiam fugir. Vamos supor que toda a gente que entrou nesse processo esteve inteiramente sem más intenções, não querendo mal nenhum a mim, nada. Simplesmente, eles acharam, segundo o temperamento deles, a educação deles e o

¹ Série iniciada na *Nova Águia* nº 17 (1º Semestre de 2016).

trabalho deles, eles acharam que era exactamente aquilo que deviam fazer. Então, de facto, não há mal nenhum no caso. Porque eles actuaram exactamente como se fossem objectos físicos. Era o temperamento deles, a maneira de eles serem que os levou a dizer que aquele decreto era inconstitucional. Muito bem. Só que esse decreto chegou a mim como chegou a pedra que me cai em cima do pé. Então, é claro, eu posso ter imediatamente o movimento de retracção se não estou à espera de a pedra cair, o movimento de retracção à dor e até dar um grito, perfeitamente natural. Ou posso ter apanhado aquilo, haver o movimento instintivo, mas logo a seguir, por exemplo, pensar a coisa extraordinária que é a pedra cair, bater num pé, ser transmitido pelo nervo, ir ao cérebro, o cérebro dar-me uma mensagem que eu entendo e eu retirar o pé, etc. Então, aí acho que há um problema complexo da intenção das pessoas quando se faz uma determinada coisa. Quer dizer, eu não me absteria nunca a mim de fazer uma coisa ruim, que eu achasse ruim, para atingir uma coisa boa, porque eu duvidaria imenso que aquela coisa fosse boa. Mas há gente que acha... Eu acho que o Salazar podia achar também que estava a fazer uma coisa boa, para o melhor de todo o país e que, portanto, não tivesse importância nenhuma o que ele tinha que fazer de mal pelo bem; e, se não houvesse nele a intenção de o fazer, não poderia ser a causa do mal. Se depois de morto realmente a pessoa é julgada, é crime aquilo que ela fez sem intenção nenhuma ou não é? Embora haja em Portugal um provérbio popular que dá que pensar. É o seguinte: “de boas intenções está o inferno cheio”. O que é que isso quer dizer? A intenção era boa, mas não vale só a intenção. A intenção é uma parte dum conjunto. Nós temos que ver ao mesmo tempo o efeito. Todo o homem que não vê qualquer coisa como um conjunto vai fazer juízos errados. A minha intenção pode ser boa num determinado momento e o resultado ser realmente ruim. Então, o Inferno parece que cuida mais dos resultados do que das intenções.

Então aí é que nós temos de ter cuidado com o meio. Porque se o Inferno cuida mais dos resultados e ninguém sabe qual é o resultado que vai

ter uma determinada acção, o prudente é que essa acção nunca possa ser condenada. Porque, se a acção que eu cometo for justa, boa, bondosa, o melhor que é possível, como é que me vão condenar porque o resultado que ela tiver não é realmente a meu jeito? Mas eu tenho de pensar ao mesmo tempo no resultado. Não há maneira nenhuma de nós podermos desajustar o meio que empregamos da intenção e do resultado da acção: tem tudo que estar de acordo. A intenção tem de ser boa, o meio tem de ser bom, e o resultado tem de ser bom.

Quer dizer, estamos aqui numa espécie de geometria. Quando se diz: duas coisas iguais a uma terceira são iguais entre si. As duas coisas então são: a intenção e o resultado. A terceira: o meio que eu emprego. Se as duas coisas são iguais ao meio, elas são iguais entre si. Uma boa intenção dará um bom resultado se o meio for bom. É uma espécie de geometria, não é? O pior é que há geometrias que não admitem isto. Eu posso construir uma geometria e dizer: duas coisas iguais a uma terceira são desiguais entre si. Talvez eu possa fazer uma geometria, porque uma geometria nunca parte de nenhuma coisa demonstrável. O que acontece é que eu pergunto se as pessoas aceitam isto, aquilo ou aqueloutro. Se elas aceitam, em seguida posso construir uma geometria e só me podem atacar se eu não for lógico na construção, se a certa altura eu contradisser aquilo que admitia ao princípio. Se começo o jogo de cartas e digo que o rei vale dez, não posso a certa altura dizer que vale cinquenta: tenho que manter dez, tenho de ser estável.

Então parece-me que, com todos os conselhos de prudência, pelo menos admitindo que nós somos vastamente ignorantes do mundo e que nunca sabemos se o fim é bom ou não é, o melhor é ter cautela e ir empregando meios que sejam decentes. Excepto quando a própria pessoa esteja de acordo. Fora as crianças, que ainda não estão entendendo essas coisas, o doente pode dizer que está de acordo ou não com a cirurgia, sabendo que ela é difícil e que pode ser perigosa. E, provavelmente, no fundo, a não ser em casos de sujeitos desmaiados, em perigo iminente e desvairados da cabeça, talvez o médico tenha sempre como um dever informar o doente do

que vai fazer e ver se ele quer ou não. Não vai cortar o braço à pessoa sem lhe dar a entender que ela fica sem braço, claro, seria absurdo. Ou então, no caso em que o homem esteja completamente fora de espírito e que o braço tenha de ser cortado imediatamente, depois se vê como é que a coisa corre.

Mas acho, continuo a achar que, exactamente por isso, essa história de não se usar um meio julgando que esse meio pode dar bons resultados é um remédio contra esses ditadores que tanto atrapalham o mundo. Porque, olha, se eu posso dizer “de boas intenções está o inferno cheio”, quem sabe se eu não poderia perguntar porque é que os Portugueses não têm um provérbio que diga assim: “de más intenções está o céu cheio?” Seria a contrapartida, não é verdade? Se a pessoa se pode enganar, tendo a boa intenção, e dar mau resultado, a má intenção pode dar até um bom resultado.

Por exemplo, suponha o meu Amigo que alguém que tenha dito que o decreto não era constitucional tinha má intenção. Como eu fiquei contente, ele mereceria ir para o céu.

Então isso nos levaria a outra coisa. Quero dizer assim: uma boa maneira de estar na vida é achar que os outros têm sempre boas intenções. Sabe, por exemplo, nesta questão da reintegração, eu penso que há uma coisa que eu vou ter obrigação de fazer. Eu não sei como, mas acho que sim. Uma coisa de que se tem acusado sempre Portugal é que maltrata as pessoas: as pessoas servem-no e ele maltrata-as. É essa coisa diz-se muito de Portugal. Muito bem, com a demissão, eu agora tenho pela primeira vez, talvez, ou pude ter, por exemplo, uma coisa dessas. Então eu posso ter como obrigação impedir que Portugal faça isso. Quer dizer, foi talvez um erro não discutir a questão em Aveiro. Dizer: “eu não assino, eu não assino porque isto é desta ou daquela maneira” e discutir; em lugar de dizer “não”, discutir. Talvez eu tivesse conseguido convencer o Governo de que ia fazer mal. Talvez eu tivesse conseguido. Não fiz isso. Disse: “não”. E agora? Agora também não estou discutindo. Mas posso algum dia inventar uma maneira de pôr a coisa de modo que eu consiga que Portugal não tenha de ser um dia acusado disso. Porque será,

já está sendo. Os amigos já estão dizendo que é indecente, que há uma injustiça, que era não sei quê... Mas eu estou contente. Ontem, à senhora da Bolívia, eu dizia: “Mas eu estou contente”. “É, o senhor está contente, mas é injusto” – dizia ela. “Vamos a ver se aparece uma espécie de solução para isso”.

Há uma coisa que é importante, sabe. Aquele homem, que é hoje o mais antigo na ONU e que se chama Urkhart, uma das suas aventuras foi no Zaire. Foi lá para acabar com aquela questão da guerra civil no Zaire e foi apanhado pelos soldados que lhe bateram, quebraram-lhe costelas e prepararam-se para o matar. E ele, enquanto lhe batiam, o empurravam e tal, continuou falando, porque achou que ele tinha que empregar naquilo o mesmo princípio que ele achava que a ONU tinha de empregar no mundo sempre que havia um conflito. Sabe qual é a frase dele? “Keep talking”. “Keep talking”, quer dizer, eu devia ter a obrigação de “keep talking”, continuar falando, não cortar o diálogo.

E então podemos agora dizer outra coisa, sabe: eu não quero agora continuar o diálogo porque gosto muito da posição de não estar obrigado ao Governo. Quer dizer, eu tomo uma posição de alegria e de contentamento sem procurar que aqueles que fizeram mal se corrijam. Egoisticamente, eu fico calado. Podemos pôr a questão exactamente desta maneira. Estou por meu gosto a deixar os outros em má posição.

Ah, meu Amigo, isso é nítido. Eu sempre achei muito bom o que o Neil – que é um pedagogo inglês de que eu gosto muito, homem muito engraçado – diz: “não se deve bater numa criança, excepto se se está zangado”. É isso mesmo. De vez em quando não há maneira.

Meu caro Amigo, o nosso orgulho empurra-nos muito para querermos ser perfeitamente lógicos e perfeitos, e disso é que nós gostaríamos. Todos nós fugimos da condição de ser imperfeitos e de termos de ser humildes e de dizer que umas vezes procedemos bem e que outras vezes procedemos mal.

Naquele tempo em que eu ainda estava bastante em Portugal, uma vez estavam na mesa do café o João Gaspar Simões, um amigo meu chamado Casais Monteiro, a mulher do João Gaspar